

É PRECISO QUE O NOSSO AMOR ATRAVESSE OS MARES: IRMÃS DA SAGRADA FAMÍLIA, NO INÍCIO DO SÉCULO XX

João Victor de Oliveira Estevam[1]
Luiz Carlos Luz Marques[2]

Resumo
Pretende-se apresentar os primeiros resultados do plano do trabalho que visa reconstruir, de maneira crítica, a chegada das Irmãs da Congregação da Sagrada Família de Villefranche d'Aveyron, a convite de Carlos Alberto de Menezes, diretor da Fábrica de tecidos em Camaragibe, dentro do projeto de pesquisa "As narrativas do sagrado". Aborda-se os relatos da chegada dessas religiosas e as precisas cláusulas contratuais entre a Congregação e Menezes, que regularam sua sustentação e seu compromisso na fábrica de tecidos, enquanto religiosas e educadoras. Para compreender o choque cultural, utilizaram-se os conceitos de *habitus* e campo, do sociólogo Pierre Bourdieu.

Palavras-chave: Igreja, poder, movimentos de resistência.

Introdução

A Igreja Católica Apostólica Romana é uma instituição de caráter mundial, que visa difundir a mensagem do evangelho de Jesus Cristo aos seus fies, contando com mais de um bilhão de adeptos em todo mundo, que seguem o padrão de vida que a instituição coloca como verdade, exigindo dos mesmos fiéis um forte padrão moral, contribuindo para uma padronização. A instituição conta com uma rede de centenas congregações religiosas, na qual muitas destas visam o trabalho educacional, obedecendo as normas do Vaticano.

A revolução Francesa, que foi um marco na história, aconteceu de 1789 a 1789, período marcado por uma grande mudança da França, quebrando o absolutismo monárquico francês, que governou o país por muitos séculos. Dentro

1 Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade Católica de Pernambuco. Pesquisador voluntário do PIBIC-UNICAP. E-mail: joaoviictor65@gmail.com.
2 Doutor em História. Professor do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião e do Curso de Licenciatura em História da Universidade Católica de Pernambuco. Lattes: http://lattes.cnpq.br/0026868525664989. E-mail: luiz.marques@unicap.br.



desse clima de Revolução, a jovem aristocrata Emília de Rodat[3], se depara com degradação da fé, com o fechamento de várias casas religiosas na França, devido à Revolução Francesa e as leis do império de Napoleão.

Vendo a profunda pobreza em que seu país se encontra, decide, juntamente com mais três companheiras, fundar uma congregação a serviço dos mais pobres e excluídos. Isso acontece em 1816, e a é hoje conhecida como a Congregação das Irmãs da Sagrada Família de Villefranche d'Aveyron[4], com o objetivo de educar crianças pobres, muitas das quais em completo abandono, devido ao fechamento de centenas de casas religiosas tradicionais.

Chegada a Pernambuco - a Camaragibe

A fundação da primeira casa do Instituto da Sagrada Família das filhas da Venerável Madre Emília de Rodat no Brasil deu-se 76 anos depois, em outro contexto histórico. Partiu de um convite do empresário Carlos Alberto de Menezes[5], diretor da Fábrica têxtil de Camaragibe. A notícia da fundação missionária causou sensação na Igreja Católica, na França. Rezou-se muito pelas sete religiosas, que partiam para as distantes e quentes praias do Brasil.

No relato conservado nos arquivos da Congregação, encontramos esse trecho significativo: "Em 1901, o Dr. Carlos Alberto de Menezes com sua digna esposa viajaram à França com o fim principal de completar a organização católica que tinha dado à Industria fabril de Camaragibe, deixando aos seus operários o meio permanente e seguro de dar aos seus filhos uma sólida educação e instrução religiosa e de ver se manter, desenvolver a vida cristã nas associações piedosas já existentes. Sua saúde uma pouco abalada fazia-lhe desejar uma melhoria contínua, uma renovação estável de forças suas físicas para o aperfeiçoamento e vida de suas obras tão bem encaminhadas. Ele queria viver para fazer lhes-viver melhor! Ele compreendia que só uma comunidade religiosa poderia assegurar esta garantia.

3 Emília de Rodat nasceu em 7 de setembro de 1787, no castelo de Druelle d'Émille, primeira filha de Jean-Louis Guillaume Amans de Rodat e Henriette de Pamairols.
4 Villefranche-de-Rouergue é um departamento de Aveyron, localizado no Sul da França. Nesta cidade está localizada a casa mãe da Congregação.
5 Carlos Alberto de Menezes (1855-1904) um engenheiro católico fervoroso, diretor da Fábrica de tecidos em Camaragibe, responsável por inúmeros feitos em Pernambuco, buscou praticar as ideias cristãos dentro da Fábrica. Sua morte prematura não permitiu que todas as suas propostas fossem levadas adiante.



Após algumas tentativas mal sucedidas junto às comunidades conhecidas no Brasil e outras na França a providencia colocou na sua ida a Paris um padre que lhe indica as Religiosas da sagrada Família, as filhas da venerável Madre Emília de Rodat, e instou-o a ir apresentar seu pedido à Madre superiora do pensionato da Sagrada Família em Verrières-le-Buisson, dando-lhe esperanças".

O intenso desejo da Madre Geral, Madre Marie Léocritie, Superiora Geral da Congregação da Sagrada Família de 1882 a 1918, deu coragem às suas súditas para deixarem a França. Embarcadas a bordo do *Chili* vapor francês de mensagens marítimas, partiram de Bordeaux na sexta-feira 16 de maio, às 5 horas da tarde e chegaram bem felizes, segundo seus próprios depoimentos, abaixo analisados, a Pernambuco, na quinta feira 29 de maio de 1902, naquele ano dia de *Corpus Christ*, às 4 horas da tarde.

Não partiram sem que a Madre Geral, previdente, tivesse assinado, com Carlos Alberto um rigoroso contrato, elaborado por sua Vigária Geral Madelein du Sauveur, cujas cláusulas anexamos no final desse trabalho.

O pequeno grupo de religiosas era composto das Irmãs Marie Jeanne, Benjamine Marie, Marie Joséph̀a, Marie Régina, Marie Tarcitius, Marie de Jésus e Marie Cornélie. Carlos Alberto de Menezes havia escrito para a França dizendo que estaria no porto para acolhê-las no desembarque. Por causa do tempo chuvoso e seu estado de saúde, e de alguns casos de peste bubônica declarado em abril, ninguém subia a bordo, um cartão foi entregue à Madre Marie Cornélie nomeada superiora da pequena colônia (grupo das Irmãs), por um empregado do Porto, convidando as irmãs para descer, pois pessoas da família do Sr. Menezes as esperavam no cais. Primeira decepção sentida pela Madre Cornélie.

Em função do mal tempo e do mar agitado, o navio estava em pleno mar, além dos arrecifes que protegiam o Porto do Recife. As ondas eram fortes e os passageiros diziam: "Isto será bem pior para chegar em terra". Não podendo descer para o barco do estibordo, a escada foi colocada a bombordo. As Religiosas narraram "Nós devíamos nos curvar sob a rampa da escada para pularmos num salto perigoso dentre da barca". Eis-nos todas as sete, mais um passageiro, que "felizes deste primeiro passo, respondíamos alegres à saudação das pessoas que



agitavam seus lenços e dizemos adeus ao Chili último farrapo da nossa querida França".

No cais uma senhora que as Religiosas suponham ser a senhora Menezes desejou as boas vindas em francês. Perto dela um senhor distinto de alta estatura que as mesmas pensaram ser um filho do Sr. Menezes as saudou com o mais francês e sotaque do norte. "Vos apresento o Sr. Collier, meu genro nos diz a Sra. Menezes". Meu marido, não pode vir, não está muito bem. Nós as esperamos desde as 10 horas da manhã. Choveu o dia todo. Tive medo que não pudessem desembarcar. Já é tarde...

As religiosas acompanhadas da Senhora Menezes se dirigiram ao palácio do Bispo para receber a benção[6]. As irmãs descrevem "As viaturas corriam nas ruas da nossa nova pátria". Em nossas almas uma alegria de criança. Uma de nós das mais jovens e a mais gaiata pensa alto: "Digam minhas irmãs, parece que estamos fazendo nossa viagem de núpcias, tomem a intensão". Nossos risos lhe respondem''. Chegando ao Palácio do Bispo, D. Luiz, que era muito amigo da família Menezes acolheu-as paternalmente dizendo: ''Sejam bem-vindas minhas Irmãs da França." Com isso a senhora Menezes pede ao Bispo que abençoe as irmãs e as mesmas saíram muito contentes. As irmãs descrevem o local da seguinte maneira: "O rolar dos carros (bondes à burro) nas ruas um pouco lamacentas continuam até à estação da Soledade, onde tomamos o trem desconhecido que deixamos após ter percorrido uma vasta planície toda iluminada de vagalumes. Todas essas estrelas terrestres para festejar nossa chegada disse uma irmã; esmaltando com doce fogo o caminho do nosso exílio, disse outra"[7].

As Religiosas chegaram ao seu destino, Camaragibe, diante da casa tão hospitaleira de Carlos Alberto Menezes, daquele que chamou as religiosas para os filhos dos operários e seus próprios filhos: "O Engenheiro, o Industrial tão renomado, um dos três fundadores e Diretor da Companhia Industrial Pernambucana, o Leon Harmel[8] do Brasil, aquele que se pode e deve nomear de Bom Pai que todos

6 O palácio da soledade, em Recife-PE, foi construído no século XIX para abrigar o colégio dos jesuítas e serviu como morada dos bispos da Diocese de Olinda.
7 Desses primeiros depoimentos, na sequência da pesquisa, projetamos analisar as imagens, e, portanto, o imaginários por trás das percepções das irmãs. Não é possível fazê-lo aqui.
8 Leon Harmel (1829-1915) grande empresário francês, do século XIX, seguiu a proposta da encíclica Rerum Novarum, do Papa Leão XIII, na qual introduzia o espírito cristão dentro das indústrias.



conhecem e lhe chamam: o Doutor Carlos, e nós, o bom Sr. Menezes, essa era a relação das Irmãs para com Carlos Alberto de Menezes'' as Religiosas ainda sentadas nos carros hesitando em descer em primeiro lugar, visto que a Madre Marie Cornélie vinha no terceiro carro e ninguém queria se apresentar antes dela. Esperaram em silêncio. Era noite escura, 7 horas.

De repente uma voz de homem se fez ouvir: "E então minhas Irmãs, não querem descer? Eis que chegaram agora" num instante o grupo estava completo e responde às questões cheias de interesse que lhes eram dirigidas por aquele que as olhará como suas e as chamará para sempre "nossas Irmãs de Camaragibe" aquele que elas vêm pela primeira vez. Sem dúvidas ainda não jantaram, minhas boas Irmãs? Pergunta o senhor Menezes. "Se quiserem partilhar o nosso, será com prazer, venham sentar à mesa de família, a menos que vosso regulamento se oponha a isso, então mandarei levar para casa que preparamos para vocês." A viagem ainda não terminou, acrescenta ele, pois aqui ainda não é a casa de vocês. Continuam no Barco Chili...Para não incomodar mais, as irmãs responderam "aceitamos o convite tão delicadamente oferecido".

Queiram então minhas Irmãs, entrar na nossa sala de jantar, disse-nos o Sr. Menezes. Primeira festa – O Sr. Menezes, à mesa, senta-se no lugar de chefe. Toda a família e nós formamos uma coroa em volta dele mesmo as crianças mais novas. Silêncio e completa imobilidade que impressiona. Em seguida, muito recolhido de uma voz profunda o bom pai de família fez um lindo sinal da cruz dizendo bem alto: Em nome do pai etc, foi a oração antes da refeição que terminou por outro sinal da cruz. Durante a refeição a conversa em francês animada pelo Sr. Menezes nos permitiu responder às perguntas que nos fazia. Os filhos mais novos, silenciosamente e de boa postura nos serviam, a professora, que fomos chamadas para substituir, querida e apreciada da família estava lá também. Pela expressão de sua fisionomia, compreendíamos o que sentia em seu coração e tínhamos pena dela.

O Sr. Menezes nos diz então: "minhas Irmãs mandei preparar-lhes uma casa na vila operária. Minha mulher e a Srta. Collier levaram a mobília e parece que as camas estão prontas. Vocês poderão descansar nelas daqui a pouco. Mas não podem ir a pé, nem sozinhas. Os carros estão esperando. Estas senhoras irão



acompanha-las. Amanhã verão o que falta e nós compensaremos. A Sra. Menezes acrescentou: Todas as suas bagagens estão na alfândega. Pedi que elas pudessem trazer pelo menos aquelas das cabines, me responderam: - “nem um alfinete.” É preciso ir amanhã retirá-las todas, disse a Sra. Menezes. irei com minha Irmã Superiora e uma outra retomou a Sra. Menezes, “as Irmãs não sabem o português.’’

Entendido: para amanhã a alfandega. Agora, minhas Irmãs nos carros para ir ao vosso aconchego. Não sabemos, nem vemos onde vamos, nem por onde passamos. Num momento compreendemos que o carro passava por uma ponte de madeira. Um pouco mais adiante os cavalos param, tem casas...- “Minhas Irmãs desçam vocês estão em casa”. Todas essas senhoras nos acompanham, nos mostram a casa. Um bom e bonito lampião nos alumia. A primeiro cômodo em frente à porta de entrada chama-se Sala de visitas, nós dizemos baixinho parlatório. No térreo 3 cômodos mais ou menos da mesma dimensão: a despensa, cozinha e uma sala um pouco maior. No primeiro andar, um pequeno oratório ou capela, uma rouparia, o dormitório da comunidade.

Fundação da Casa de Camaragibe, 1902

Carlos Alberto de Menezes um dos fundadores e diretor da Companhia Industrial Pernambucana que possui a fábrica de tecidos de Camaragibe e a Usina de açúcar de Goiana. Nessas duas localidades, as Irmãs devem instruir os filhos dos operários e se ocupar também da educação dos filhos do Diretor em Camaragibe e dos filhos do Engenheiro em Goiana; das obras de perseverança(catequese), canto, ofícios religiosos, curso de adultos para mulheres.

Como se fala português no Brasil, foi dado às primeiras que chegaram 8 meses de estudo antes de assumirem as classes. Foi no dia 11 de fevereiro de 1903, dia fixado para o começo das aulas que as primeiras discipulas de Emília de Rodat na América, começaram o apostolado junto às crianças da população operária de Camaragibe. receberam desde os primeiros dias, as filhas de maria para o canto, cuja direção era confiada à tão digna e virtuosa presidente senhorita Marie-Anne Collier. Desde que está excelente senhorita soube que as religiosas se ocupariam desta parte, pediu com uma modesta insistência para que recebêssemos as filhas de Maria todos os domingos para o ensaio de cantos e entregou com total



desprendimento os livros de canto que guardava. É bom nos lembrar e mencionar seja o bom acolhimento que recebemos sobre a terra hospitaleira da nossa nova pátria pelo Senhor de Menezes sua família como também da parte do senhor Collier seu genro e da tão boa população de Camaragibe. Não sabíamos nos exprimir em português e desde os primeiros dias as crianças nos rodeavam com fisionomias tão alegres e abertas que pareciam nos dizer: “Estou ansiosa para conversar com vocês”.

As Filhas de Maria sobretudo desejavam ardentemente nos ver falar sua língua para conversar conosco e encontravam meios de se fazerem compreender e de nos ensinar as expressões mais usadas na linguagem do país. A professora dona Philippine Regueira que mantinha as classes das meninas, nos dava uma hora de aula todos os dias e foi com ela que aprendemos a ler, a fazer algumas traduções e conjugação de verbos. Guardamos as melhores lembranças de suas numerosas e delicadas gentilezas para conosco. No último domingo de novembro foram distribuídas as recompensas de fim de ano, aos alunos que aproveitaram a ocasião para se despedirem da mestra dedicada que lhes havia prodigalizado seus cuidados assíduos durante 7 anos.

O Sr. Menezes quis que assistíssemos esta pequena cerimonia. Pudemos entender o sentido dos cumprimentos ou discursos cheios de saudoso reconhecimento a ela dirigidos. A partir deste dia crianças e jovens vêm assiduamente todos os domingos para a reunião das diversas associações. A abertura do ano escolar fixado para o dia 4 de fevereiro de 1903 não pode se efetuar neste dia, as novas salas construídas depois de nossa chegada não estavam concluídas. No domingo 10 de fevereiro foi dada a benção solene dos dois prédios um reservado para os meninos e o outro para as meninas.

No dia seguinte, segunda-feira começaram as aulas. Missa do Espírito Santo às 9 horas. Nossos alunos chegaram numerosos e impacientes às 8h 30 carregando seus livros e cadernos. Na espera, as sete primeiras Irmãs dividem o trabalho da seguinte maneira: Ir. Marie Cornélie mantem a 1ª classe das meninas e Ir. Marie Tarcitius a classe das menores ajudada da Ir Marie Josépha no tempo livre que seu ofício de Marta (serviços da comunidade) lhe permitirá.



A cara ir. Marie Régina se ocupa dos meninos mais adiantados com a ajuda da ir. Marie Jeanne, e ir. Benjamine Marie dos menores. Ir. Marie de Jésus tem sob sua responsabilidade a educação dos filhos do senhor Menezes.

Habitus e campus, Pierre Bourdieu

O *habitus* pode ser definido como um sistema de disposições incorporadas, o meio que se organizam as formas pelas quais os indivíduos percebem o mundo social ao seu redor e como elas reagem, em termos de classe social, religião, país, etnia, educação, o *habitus* reflete a realidade vivida a que os indivíduos são colocados, de sua experiencia individual e oportunidades objetivas. Logo, podemos definir o *habitus* como um conjunto unificador e separador de pessoas e escolhas. As Religiosas Francesas, ao chegarem no Brasil se deparam com uma nova vida, realidade distinta delas, obedecendo a Madre Geral de sua congregação, mudam seu *habitus*, chancelado pelo convite de Carlos Alberto de Menezes, na qual financia a suas vindas a terra, com o objetivo de educar os filhos dos operários da Fábrica de tecidos.

O “campo”, na teoria de Bourdieu, representa um espaço simbólico, na qual as lutas desses agentes determinam, validam, legitimam representações. Podemos chamar de poder simbólico. Dentro dessa luta no campo religioso, as Irmãs adentram um espaço desconhecido pelo seu *habitus* francês, visando um novo campo chegaram ao Brasil em mil novecentos e dois começaram a abrir escolas e educar os filhos dos operários, ganhando o espaço religioso e prestigio, dentro dessa disputa em 1904 perdem um espaço para os Irmãos Maristas, visto que os mesmos se ocuparam da educação masculina.

Considerações finais

A pesquisa que mostra os seus primeiros resultados, de analise referente as Irmãs da Sagrada Família de Villefranche-de-Rouergue, tratando-se de uma pesquisa investigava, nos arquivos do setor Brasil da congregação, podemos perceber os aspectos das cláusulas contratuais, dentre a Congregação e Carlos Alberto de Menezes, na qual regulamentava os serviços e obrigações de ambos, os primeiros passos das religiosas em solo Pernambuco, os seus relatos e suas



experiencias em um campo fora da França. Com essa pesquisa investigava percebemos os interesses da Congregação.

Referências

Arquivo do setor Brasil da Congregação da Congregação da Sagrada Família de Villefranche, localizado em Casa Forte, Recife, Brasil. **https://sainte-famille-villefranche.org/congregation/**

ALVES, A. A. **Doutrina Social da Igreja**: um guia prático para estudos. Petrópolis: Vozes, 2014.

AVILÁ, F. B. **Antes de Marx**: as raízes do humanismo cristão. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

AZEVEDO, F. Introdução. In: MENEZES, Carlos Alberto de. **Ação social católica no Brasil**: corporativismo e sindicalismo. São Paulo: Loyola, 1986.

BDHCF. **Base de données sur l'histoire congréganiste française**. Link: http://www.congregation.fr/home/aveyron-diocse-de-rodez/soeurs-de-la-sainte-famille-de-villefranche-de-rouergue, acesso 10/04/2019.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.



CLÁUSULAS CONTRATUAIS

As cláusulas foram elaboradas pela Vigária Geral Madelein du Sauveur, que fez o possível para que esse contrato fosse vantajoso para a Congregação. O ato foi assinado pela Madre Geral Marie Léocritie[9], em Villefranche

1º Fornecer e manter um alojamento independente para as ditas religiosas e as obras das quais se responsabilizariam, com horta para as Irmãs. Na casa de Camaragibe, um cômodo será reservado para servir de Capela.

2º Dar a mobília da casa, incluindo roupa de casa e mobília para as salas de aula e outras obras.

3º Assegurar os cuidados médicos e medicamentos.

4º Pagar as viagens para o Brasil, e retorno, no caso de doença ou impossível aclimatação, e por causa de mudança necessária.

5º O Sr. Menezes se obriga ainda a repatriar as Religiosas no caso de alguma grave circunstância, obrigando-as a deixar o Brasil.

6º O Sr. Diretor promete ainda dar a cada Religiosa o equivalente a mil francos por ano[10], pagos por trimestre.

A superiora Geral da Sagrada Família compromete-se, de seu lado, a fornecer sete religiosas tendo aos seus olhos as aptidões exigidas para o curso de canto; para curso de adultos, para moças e mulheres, as obras de perseverança. As Religiosas serão encarregadas de dar aulas na casa delas aos filhos dos Senhores Diretor e Engenheiro. A boa organização do serviço religioso pelos padres franceses[11] na Companhia Industrial Pernambucana é a condição principal que determina à superiora Geral da Sagrada Família a enviar as Irmãs ao Brasil. O zelo do Sr. Menezes é para ela uma garantia que esta vantagem será continuada às suas religiosas, mas fica compreendido que se a seguir a assistência religiosa deixar significativamente a desejar este contrato será rescindido de pleno direito e as religiosas repatriadas na França com as despesas garantidas pela Companhia Industrial Pernambucana.

9 A madre Marie Léocretie foi a Superiora Geral da Congregação entre 1882 a 1918, responsável por levar a Congregação em diversos países, ganhou uma referencia de ser chamada “uma segunda Emília”, por seu empenho no crescimento da Congregação.

10 No momento da pesquisa estamos buscando quanto era o valor da época.

11 A boa relação de Carlos Alberto de Menezes para com o Padre Dehon, fundador da Congregação dos padres do Sagrado Coração de Jesus, possibilitou a vinda de um religioso para ser o capelão da Fábrica de Tecidos



Feito com cópia em Villefranche d'Aveyron aos dose dias de maio de mil novecentos e dois.

Ir. Marie Léocritie Frayssignes

Superiora Geral